



## PNMAFRA

### A Escultura Italiana da Basílica de Mafra

Para a Real Basílica de Mafra D. João V vai encomendar aquela que será a mais significativa colecção de escultura barroca existente fora de Itália, num total de 58 estátuas.

Esta encomenda significa por parte do Rei Magnânimo, não apenas um desejo de magnificência e um efeito prestigiante a nível internacional, mas também uma tentativa de renovação de uma forma de arte de que não havia grande tradição em Portugal e que, mais tarde, servirá de modelo para a formação de artistas nacionais.

Assim, a falta de grandes escultores nacionais ao tempo, obriga o Rei a recorrer à sua encomenda em Itália, a grande Escola de Artes do tempo.



Para as estátuas da Basílica, o monarca vai formular exigências muito precisas, quer em termos de “perfeição” e qualidade do material - os mármoreos *“mais perfeitos e sem veio algum”* - quer no rigor iconográfico.

De Itália são enviados desenhos, seguidos de modelos com *“medidas de três palmos, de terra cozida...”* para aprovação final. Estes modelos ainda hoje fazem parte do acervo do Palácio.

Para Mafra trabalharam os melhores escultores romanos do tempo, como Carlo Monaldi, o mais velho e a quem, pela obra já feita, é dada a primazia nas encomendas para a Real Basílica, e ainda Giovanni Battista Maini, Filippo della Valle e Pietro Bracci, que irão ganhar notoriedade com este trabalho.

A enorme encomenda, bem como a rapidez exigida na sua execução, obrigam ainda à contratação de escultores de menor importância, como Bernardino Ludovisi, Giuseppe Lironi e Agostino Corsini e finalmente, alguns artistas quase desconhecidos, como Giuseppe Maria Frascari, Bartolomeo Pincelotti ou Giuseppe Rusconi, florentinos. Ir-se-á finalmente recorrer



## PNMAFRA

ainda a alguns escultores florentinos, como Giovanni Battista Foggini, Antonio Montauti e Giovanni Baratta.

A acomodação das estátuas e a viagem até Mafra foram também objecto de grandes cuidados recomendando-se, por exemplo, “ *que venham bem encaixadas, para que não padeça alguma por mal atarracada...*” e “*se necessário for para lhe fazer seus colchões de lã, que sustentam mais que o feno.*”

Curiosamente, recomendava-se ainda que “*as mãos e dedos das estátuas venham com as suas linhas na mesma pedra, que cá se cortarão e aperfeiçoarão.*”

Para facilitar o seu transporte mandou ainda o monarca abrir um braço de rio que a partir de Sacavém, chegasse até junto da Igreja de Santo Antão do Tojal onde eram benzidas, seguindo depois para Mafra em carros de bois, um caminho atribulado de cerca de 27 km.

O transporte destas estátuas está muito bem retratado nas páginas do Memorial *do Convento* de José Saramago.